

UMA ABORDAGEM DISCURSIVA SOBRE A QUESTÃO DO AUTOR¹

A DISCURSIVE APPROACH ON THE QUESTION OF THE AUTHOR

*Mariana Ramalho PROCÓPIO**

Resumo: Este artigo propõe uma discussão sobre o conceito de autor, tendo como base, principalmente, as proposições teóricas de Dominique Maingueneau. A fim de demonstrar analiticamente a discussão proposta, realizamos uma breve análise da categoria autor, na narrativa biográfica “Carmem – uma biografia”, de Ruy Castro.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Autor; Biografia.

Abstract: This article proposes a discussion on the concept of author, based mainly theoretical propositions Dominique Maingueneau. In order to demonstrate analytically the proposed discussion, we conducted a brief analysis about the category author, in the narrative “Carmen - a biography”, written by Ruy Castro.

Keywords: Discourse Analysis; Author; Biography.

O Discurso Literário pela perspectiva da Análise do Discurso

Interessa-nos, aqui, falar um pouco sobre a abordagem da Análise do Discurso em relação à Literatura. A nosso ver, a Análise do Discurso se oferece como uma possibilidade de integração entre estudos linguísticos e literários. De acordo com Machado (2006, p.105):

[...] a Análise do Discurso (AD), disciplina oriunda das Ciências da Linguagem e que tem como base uma lingüística discursiva, é passível de ser aplicada a textos literários e, mais que isso, deles retirar dados importantes ligados à representação da sociedade, ou em outros termos, dados que dizem respeito ao mundo real e social que pode ser apreendido ou ‘traduzido’ em discurso e ser ‘revelado’

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

* Doutora em Linguística do Texto e do Discurso pela UFG. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. Contato: mariana.procopio@ufv.br.

por um narrador ou sujeito-falante de uma determinada sociedade, em um determinado momento.

Partindo do pressuposto que é possível fazer uma abordagem discursiva de textos literários, faz-se necessário identificar o que seria a Literatura ou ainda o que faz com que alguns textos ganhem a etiqueta de literários, isto é, que sejam considerados como pertencentes ao rol da Literatura. A fim de tentar clarear essa questão, Searle (1995, p. 97) afirma:

Literatura é o nome de um conjunto de atitudes que assumimos perante uma porção de discurso, e não o nome de uma propriedade interna dessa porção de discurso, embora as razões pelas quais assumimos as atitudes que assumimos são evidentemente, ao menos em parte, determinadas pelas propriedades do discurso, não sendo inteiramente arbitrárias. Em termos aproximados, cabe ao leitor decidir se uma obra é literária, cabe ao autor decidir se ela é uma obra de ficção.

Por meio dessa definição, podemos inicialmente dizer que o discurso Literário é pautado pela realidade. Isso não significa dizer que o texto literário seja necessariamente fiel à realidade, no sentido de cópia exata da mesma, uma vez que na Literatura encontramos textos pertencentes ao estatuto factual e ficcional, e ainda aqueles com tipos de ficcionalidade diferenciados². Os produtores de textos literários possuem uma maior liberdade de redação e também de temática, o que resulta num emprego diferenciado dos recursos estilísticos.

Outra característica do discurso Literário é pertencer à categoria dos discursos constituintes. De acordo com Maingueneau (2006), os discursos constituintes são aqueles considerados como discursos de origem, isto é, a enunciação do discurso (a partir da perspectiva de cena de enunciação que trataremos adiante) é responsável pela autorização de si mesma. “Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os garantes de múltiplos gêneros de discurso”. (MAINGUENEAU, 2006, p. 61).

² Categorias propostas por Mendes (2004).

Entretanto, ainda que possamos enumerar algumas características do discurso Literário, as tarefas de localizá-lo e defini-lo são árduas. A Literatura, ao mesmo tempo em que ela fala sobre si própria, ela gera a sua própria presença no mundo. Isso porque, como descreve Maingueneau (2005, p.18, grifos do autor):

As condições do dizer atravessam o dito, que investe suas próprias condições de enunciação (estatuto do escritor associado ao seu modo de posicionamento no campo literário, os papéis ligados aos gêneros, a relação com destinatário construída através da obra, os suportes matérias, os modos de circulação dos enunciados...).

O discurso literário estaria circunscrito, pois, numa dimensão paratópica. A paratopia seria essa condição paradoxal de inclusão/exclusão em um espaço social, à qual estão submetidos os discursos constituintes. A condição paratópica advém como consequência dos discursos constituintes, que precisam “autorizar-se por si mesmos” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 368).

Tangenciadas algumas nuances para a caracterização da Literatura e dos textos literários, retomemos a questão sob a ótica da Análise do Discurso. Para que possamos, pois, realizar uma análise discursiva do texto literário, Mello (2005, p. 39) estabelece alguns parâmetros sob os quais o texto deve ser observado:

[...] segundo suas condições de emergência, as práticas de leitura, os quadros históricos e sociais de recepção, as condições materiais de inscrição e circulação dos enunciados, a paratopia do autor e a cena de enunciação, enfim, o contrato literário com todas as suas especificidades, além dos discursos produzidos pelas diversas instituições que contribuem para avaliar e dar sentido à produção e a à recepção das obras literárias.

Nesse sentido, é possível perceber que, além de apreendermos seu contexto inicial, isto é, o campo no qual o escritor se posiciona, precisamos entender também o contexto implicado pela própria obra. Queremos tratar, na verdade, da cena de enunciação da obra. No “Dicionário de Análise do Discurso”, Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 95, grifo dos autores) explicam que a cena de enunciação deve ser entendida como o acontecimento de uma enunciação “em um espaço *instituído*, definido pelo gênero do discurso, mas também sobre

a dimensão *construtiva* do discurso, que ‘se coloca em cena’, instaura seu próprio espaço de enunciação”.

Quando se fala de cena de enunciação, pretende-se falar da encenação de uma enunciação, isto é, procura mostrar a situação que a fala pretende instaurar no momento que ela é enunciada. Para melhor compreendê-la, Maingueneau (2001; 2006; 2008) seja analisada em três níveis:

- i) Cena englobante – que corresponde ao tipo de discurso no qual se insere o texto. Trata-se de um estatuto pragmático;
- ii) Cena genérica – definida pelo gênero de discurso. Implica papéis, circunstâncias, suporte material, modo de circulação, finalidade, etc.
- iii) Cenografia – é instituída pelo próprio discurso; é a fonte do discurso e, ao mesmo tempo aquilo que o discurso engendra.

A cena englobante e a cena genérica correspondem ao quadro cênico, isto é, ao espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido. Por outro lado, a cenografia é instituída pela instância produtora do discurso e, por consequência, implica na existência de enunciador (e também de um co-enunciador), de uma cronologia e de uma topografia.

A questão do autor

Como a Literatura está, paradoxalmente, em um lugar e em um não-lugar, o autor também se encontra mergulhado nesse duplo espaço. Se, por um lado, ele está presente na sociedade e é a partir dela que ela materializa sua obra, ele também se encontra instaurado pela obra, devido a sua própria pertinência ao campo literário. Para Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 368-369, grifos dos autores):

Esse estatuto paradoxal resulta da especificidade desses discursos que só podem *autorizar-se* a si mesmos: se o locutor ocupa uma posição *tópica*, ele não pode falar em nome de uma transcendência, mas se não se inscreve de alguma forma no espaço social, não pode proferir uma mensagem aceitável.

Estaríamos diante, mais uma vez de uma paratopia, na qual o autor deve legitimar-se por meio de dizer. Por meio do modo que o autor se apresenta no campo literário, ele indicaria a sua posição e seria a partir da sua presença e do resultado enunciativo dela legitimado.

Para Foucault (2001), é possível dizer que o autor pode ser tradicionalmente entendido como um sujeito responsável por uma determinada produção discursiva e que também é produzido por esse discurso. O autor seria uma espécie de função, capaz de organizar e caracterizar universos discursivos.

Ele afirma existir uma relação entre o autor e sua obra, isto é, com seu discurso. Em alguns discursos, torna-se mais nítida essa relação ou a própria existência do autor, como é o caso das poesias, por exemplo. Já em outros gêneros, essa função do autor nem sempre se faz tão marcada. É o caso das cartas, que possuem remetentes, signatários, mas não necessariamente autores.

Nesse sentido, Galinari (2005, p.45) complementa dizendo que, “a função autor, orientaria, então, o modo pelo qual um discurso deve ser recebido, conferindo-lhe um certo status social”. O entendimento e o reconhecimento de um discurso dependeriam, então, da efetivação de uma espécie de contrato e, por consequência, do reconhecimento de seus elementos. No entanto, ainda assim, em qual nível estaria o autor? Seria ele apenas o sujeito empírico, de carne e osso que assina a obra? Ou seria ele o enunciador, aquele que literalmente enuncia o texto? Ou ainda, existiria uma instância específica para ele?

Todos esses questionamentos são difíceis de serem respondidos devido à multiplicidade de enfoques possíveis para a palavra autor. Em seus cursos “Problemáticas Emergentes na Análise do Discurso”³ e “Concepts de l’analyse du discours”⁴, Maingueneau⁵ destacou que, ao falarmos de autor e de autoria, estaremos

³ Curso “Problemáticas Emergentes na Análise do Discurso”, ministrado pelo professor Dominique Maingueneau, no Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, entre os dias 03 e 07 de maio de 2010.

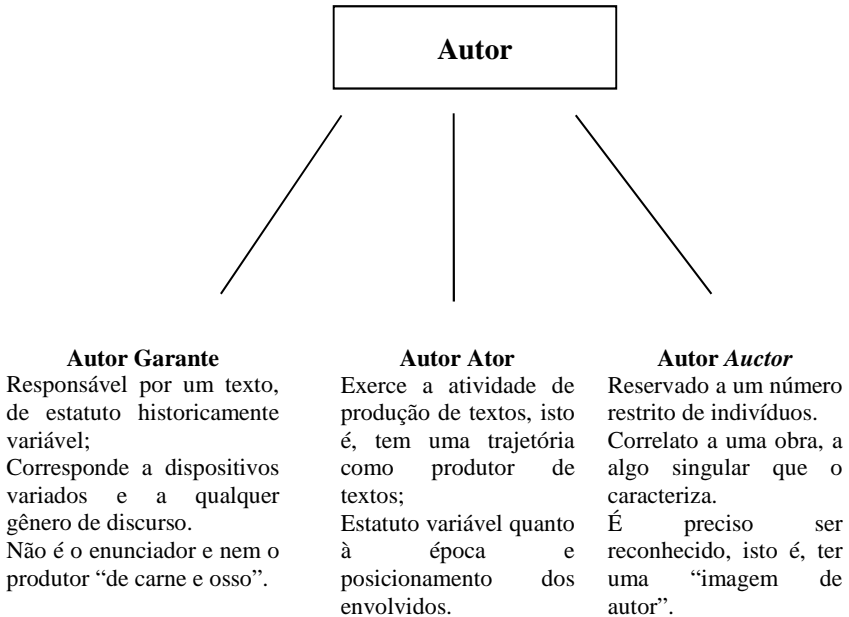
⁴ Curso “Concepts de l’analyse du discours”, ministrado pelo professor Dominique Maingueneau no Master 2 em Communication politique et publique, na Université Paris-Est Créteil – Paris XII, entre os meses de novembro de 2010 a fevereiro de 2011.

⁵ Notas de aula referentes aos cursos acima mencionados.

trazendo à tona o texto + o mundo, ou seja, a instância que enuncia adicionada ao estatuto social que ela ocupa. Uma vez que o estatuto é historicamente variável, a noção de autor é problemática e híbrida e deve ser considerada a partir de três dimensões.

A fim de melhor apresentar essas três dimensões, propomos o esquema abaixo, baseado nas notas tomadas no seminário acima citado, bem como no livro “Doze conceitos em análise do discurso” (2010):

Figura 1 – A noção de autor



Quando nos referimos a essa primeira modalidade de autor, estamos evidenciando uma perspectiva praticamente jurídica. Isso quer dizer que tentamos estabelecer a responsabilidade de alguém sobre determinada produção textual: referimo-nos ao autor de um artigo, de um panfleto etc. Na segunda classificação, estamos diante de determinados produtores de texto que tem a pretensão de se tornarem “autores”, no sentido pleno da palavra. Por fim, na terceira acepção,

tratamos de um produtor que passa a ser autônomo e a ser reconhecido como tal, sendo dotado também de uma imagem de autor. Este autor ganha um valor singular e se destaca dos demais por apresentar uma singularidade e um estilo.

Breve análise da categoria autor em narrativas biográficas

A fim de que possamos exemplificar um pouco das proposições teóricas acima mencionadas, selecionamos como objeto de análise a obra “Carmen - uma biografia” (2005), do escritor e jornalista Ruy Castro. A escolha desta obra em si se deve ao fato de ela compor o *corpus* de nossa pesquisa de doutorado acerca das narrativas biográficas.

No que se refere à escolha do autor Ruy Castro, acreditamos que, ainda que ele seja mais conhecido como jornalista, podemos atribuir a ele também o status de escritor, isto é, de representante da instituição literária. As principais justificativas para isso seriam: (i) Ruy Castro já publicado uma série de obras, factuais e ficcionais; (ii) ele já ganhou o Prêmio Jabuti⁶ de Literatura; (iii) Ruy é tratado pelas editoras de livro e pelas livrarias do país como escritor⁷.

Ainda, gostaríamos de antemão destacar que não visamos aqui a uma análise exaustiva da obra, o que seria inviável⁸. Nossa proposta é fazer algumas considerações a respeito da configuração discursiva na noção de autor na biografia, notadamente localizada nos seguintes espaços: “orelha⁹” e agradecimentos. Adotamos esses dois

⁶ Ruy Castro ganhou com “Carmem – uma biografia”, o Prêmio Jabuti de 2006 de melhor biografia e melhor livro de não-ficção do ano.

⁷ Corroboramos a visão de Mendes (2007) no que se refere à atribuição de valores literários aos textos. De acordo com a autora, “a Literatura é uma instituição que imputa “valores simbólicos” aos textos. Entre estas instituições estão: o Sistema Escolar (livro didático, escolha das obras dos programas de vestibular, etc.), Academias, a Crítica Literária, a figura do autor, prêmios, jornais; revistas literárias, hoje pode-se estender estas instituições a sites e blogs etc”.

⁸ Para o conhecimento dos leitores, a biografia de Carmen possui mais de 600 páginas.

⁹ Em termos técnicos trata-se da badana, isto é, a extensão das capas (ou das sobrecapas) de um livro que se dobram para o interior. Disponível em <<http://tipografos.net/glossario/livro.html>>. Acesso em: 25 jul. 2011. Neste trabalho, preferimos adotar o termo orelha por este ser mais popular.

componentes da biografia como recorte, pois pensamos que nesses espaços¹⁰ encontraremos de maneira mais evidente as marcas do autor.

Quanto aos aspectos metodológicos, a análise da questão do autor irá considerar que essa na situação específica da enunciação literária, o autor se apresenta em três instâncias, de acordo com Maingueneau (2006):

- (i) Pessoa – a primeira dimensão é a instância que responde pelo texto, no sentido empírico. Seria o indivíduo fora da Literatura.
- (ii) Escritor – é o autor como ator no campo literário, é o papel que ele desempenha e que gera uma trajetória, uma carreira.
- (iii) Inscritor – seria o enunciador da obra, aquele que organiza e enuncia o texto. Ele é instaurado pelas escolhas do escritor.

Gostaríamos de destacar que para fins de análise, apresentaremos nossas pontuações separadas, a partir de cada uma dessas instâncias. Entretanto, é preciso deixar claro que tais instâncias não dissociadas ou que alguma tem uma importância maior em relação à outra. Como nos explica Maingueneau (2006, p. 136-137):

Essas três instâncias não se dispõem em sequência, seja em termos de cronologia ou de estratos. Não há em primeiro lugar “a pessoa”, passível de uma biografia, em seguida “o escritor”, ator do espaço literário, e depois “o inscridor”, sujeito da enunciação: cada uma das instâncias é atravessada pelas outras, não sendo nenhuma delas o fundamento ou pivô.

Instância Pessoa

No caso analisado por nós, encontramos para a instância pessoa, o sujeito empírico Ruy Castro. Nessa instância, o que está em jogo é a identidade psico-socio-histórica, o indivíduo que existe além da obra.

¹⁰ Vale lembrar que a obra “Carmen – uma biografia” não possui o componente *apresentação*, espaço costumeiramente atribuído ao autor.

O objeto por nós escolhido para análise – a biografia de Carmem Miranda – sobretudo nos espaços de investigação selecionados (capa, orelha e agradecimentos), não traz informações suficientes para caracterizá-lo enquanto pessoa. Em virtude disso, recorremos a outras fontes¹¹ para que pudéssemos caracterizá-lo nessa dimensão e para que as informações trazidas no texto acerca da pessoa Ruy Castro pudessem ser contextualizadas.

Trata-se de um homem, brasileiro, nascido em 26 de fevereiro de 1948 na cidade de Caratinga, Minas Gerais. Formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalha como jornalista desde 1967. Exerce também a função de escritor, mas, dessa função falaremos mais tarde. Ruy Castro é casado com a também escritora Heloísa Seixas.

Como dissemos anteriormente, no que se refere à instância pessoa, são poucas as informações apresentadas pela biografia. As poucas que aparecem, no entanto, auxiliam fundamentalmente para conhecermos a pessoa Ruy Castro. A primeira delas podemos dizer que seja a foto de Ruy Castro na orelha da obra. Consideramos que este enunciado icônico é de extrema importância por nos revelar e arriscaríamos a dizer comprovar a existência real de Ruy Castro. Ele nos permite atestar que existe uma pessoa responsável no mundo empírico por aquela obra.

Já na seção agradecimentos, encontramos quase sempre marcas do escritor, segunda instância da categoria autor, instância essa que falaremos no próximo tópico. Porém, no último parágrafo, encontramos pistas deixadas pelo inscitor (terceira instância) que nos revelam e nos remontam à pessoa existente fora do texto. Destacamos o trecho (CASTRO, 2005, p. 555, grifos do autor): “Por fim, mas não por último, minha eterna gratidão a um grupo de médicos. Por ordem de entrada em cena, os doutores Ênio Porto Duarte, Jacob Kligerman e

¹¹ Informações disponíveis em <<http://estelivro.wordpress.com/2010/03/03/entrevista-ruy-castro/>> e em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ruy_Castro>. Acesso em: 22 ago. 2011. Além disso, completam essas referências as informações por nós coletadas na conferência “Paixão pela Palavra: a leitura é uma forma de autobiografia?”, proferida por Heloísa Seixas e Ruy Castro, no dia 31 de outubro de 2009, como parte das atividades desenvolvidas no quinto Fórum das Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, realizado entre os dias 29 de outubro e 02 de novembro de 2009.

equipe, Daniel Herchenhorn e Célia Maria Viegas. Sem eles, *Carmen* não estaria em suas mãos”.

Ao lermos esse último parágrafo podemos nos perguntar: quem são esses médicos? Por que eles seriam importantes para a realização da obra e a quem eles estariam relacionados? O próprio trecho já nos fornece a resposta para essas perguntas, pelo menos para parte delas. O substantivo *Carmen*, realçado em itálico pelo inscriptor, refere-se à obra *Carmen* e não à personagem biografada *Carmen* ou à pessoa *Carmen Miranda*. Ora, se sem esses médicos a biografia de *Carmem* não existiria é porque a ligação deles está com o autor, especificamente à instância de pessoa do autor, isto é, ao ser empírico que existe fora da esfera literária. A construção textual nos leva a crer que a pessoa *Ruy Castro* teve algum problema de saúde que poderia ter impedido a realização da biografia, mas, que graças à intervenção dos médicos citados, foi possível que ele continuasse o trabalho.

A doença de *Ruy Castro* e a interferência desta no trabalho do biógrafo, indicada na biografia, podem ser comprovadas por meio de inúmeras entrevistas concedidas por ele após o lançamento da obra e também por *Heloísa Seixas*, sua esposa, na fotobiografia de *Ruy* escrita por ela e lançada em 2008. A revista “*Brasileiros*”¹², em sua edição de setembro de 2008, apresenta trechos da obra de *Seixas*, dentre os quais destacamos:

Como todo mundo sabe ou imagina, um tratamento de câncer não é coisa à-toa. Entre 28 de janeiro de 2005, dia do diagnóstico, e o 4 de outubro seguinte - dia em que *Ruy* pôs o ponto final no livro -, foram 34 sessões de radioterapia, num total de 93 irradiações, sete sessões de quimioterapia, com 21 horas de aplicações, 29 consultas médicas, mais quinze consultas ao dentista, cinco biópsias, uma endoscopia, cinco exames de sangue, duas ressonâncias magnéticas, duas chapas de pulmão, um raio-X completo de boca, uma cirurgia com duas passagens pelo centro cirúrgico e seis dias de internação, mais dezesseis punções e 61 sessões de fisioterapia. Durante os primeiros três meses de tratamento, por causa das queimaduras da radioterapia, *Ruy* ficou sem comer, bebendo apenas líquidos (mesmo assim, com enorme dificuldade), o que o fez emagrecer doze quilos. Chegou a interromper o tratamento por dez dias porque a pele de seu pescoço

¹² Disponível em: <<http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/14/textos/275/>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

ficou em carne viva e, em decorrência da quimioterapia, teve flebite numa veia do braço, com um febrão de 40 graus que o deixou tremendo como se estivesse com malária. Mas nada disso fez com que perdesse a energia para trabalhar. Durante todo esse tempo, passava o dia escrevendo, horas e horas, como se fosse apenas um cérebro usando um corpo alquebrado para se manifestar. O corpo era seu cavalo.

É possível dizer que, no fragmento exposto acima, encontramos as principais razões para que a pessoa Ruy Castro reserve em sua obra agradecimentos aos médicos e para que se compreenda o que ele quis dizer com a frase “*Carmen* não estaria em suas mãos”.

A seguir, falaremos da segunda instância da categoria autor.

Instância Escritor

Conforme apresentamos, essa instância trata da encenação literária, isto é, da presença do autor como um ator no campo literário, que desempenha um papel nesse campo. Esse papel que ele desempenha é conhecido por meio da carreira do escritor e dos valores e representações que a eles estão associados.

Na orelha do livro, Ruy Castro é apresentado como autor e organizador de diversos livros. Encontramos enumeradas as principais obras de Ruy, sejam elas biográficas, históricas ou ficcionais. O procedimento da enumeração bem como a apresentação da data de publicação das obras nos permite perceber que estamos diante de um escritor.

Essas informações nos permitem também dizer que estaríamos diante de, pelo menos, um *autor ator*, conforme a categoria desenvolvida por Maingueneau (2010) e por nós explicada na figura 1 deste mesmo artigo. O autor ator é aquele que exerce a atividade de produção literária e tem uma carreira reconhecida como produtor de tais textos.

A orelha do livro traz também uma espécie de resumo, de apresentação da biografia que o leitor irá encontrar. Este resumo não está assinado, mas tudo leva a crer que não tenha sido escrito¹³ pelo

¹³ Ressaltamos que sempre que o escritor escreve, o faz por meio de seu inscridor, que é o enunciador do texto (MAINGUENEAU, 2006).

escritor Ruy Castro, uma vez que ele é referenciado de maneira indireta nesse mesmo resumo. Entretanto, ainda que não tenha sido escrito pelo escritor, é possível notar a construção da imagem desse escritor quando o texto a ele se refere. Vejamos:

Carmem – Uma biografia não se limita a reconstituir a vida da brasileira mais famosa do século XX, com um prodígio de informações. Esta é também uma história dos costumes da juventude brasileira, da música popular, do rádio e dos cassinos, no Rio dos anos de 1920 e 1930, e da intimidade dos grandes astros americanos, na Broadway e na Hollywood dos anos 40 e 50. É uma história profundamente humana – temperada pelo humor e pelo estilo inconfundível de Ruy Castro.

No fragmento em questão é possível notar que, ao autor Ruy Castro, são atribuídas características próprias. O “humor e o estilo inconfundível” a ele atribuídos, seriam capazes de diferenciar o trabalho dele enquanto escritor, de garantir aos escritos dele uma cara, uma marca.

De fato, para termos certeza da existência de um estilo inconfundível, teríamos que proceder a uma análise minuciosa não apenas dessa, mas também das outras obras de Ruy Castro. Mas, partindo do pressuposto de que haja mesmo um estilo que caracterize a obra do escritor, poderíamos dizer que estaríamos lidando com um caso de *autor auctor*, conforme Maingueneau (2010). Reservado a um número restrito de indivíduos, este conceito só faz sentido a partir da existência de uma obra singular do referido escritor. É preciso ser reconhecido, isto é, ter uma “imagem de autor”. Este parece, pois, ser o caso de nosso autor.

Também na seção agradecimentos encontramos marcas da instância escritor. Por procedimentos lingüísticos de enumeração (das atividades desenvolvidas para a pesquisa e escritura de *Carmen*) e de denominação (identificação das fontes e principais colaboradores), Ruy revela os processos de seu ofício escritor-biógrafo. A apresentação de tais processos nos leva a criar uma imagem do trabalho do biógrafo bem como do escritor-biógrafo em si. Somos levados a crer que estamos diante de um escritor bem sucedido, que realizou o trabalho com afinco e profundidade, haja vista a centena de fontes e de informações que ele nos fornece.

Instância Inscritor

Nessa terceira instância, referimo-nos ao enunciador da obra, ser de linguagem instaurado pelo escritor. Ele é quem vive na obra. A presença dele poderá revelar as outras duas instâncias – escritor e pessoa – ou mesmo mascará-las, caso essa seja a intenção. Entretanto, mesmo essa tentativa de marcar ou apagar as demais instâncias são componentes para se entender o autor.

No caso por nós analisado, encontramos dois regimes enunciativos e, por consequência, dois modos distintos de apresentação do inscridor. Na seção orelha, estamos diante de um regime delocutivo, no qual o autor se esconde em relação ao mundo instaurado. O texto parece não ter sido escrito pelo autor da narrativa biográfica, uma vez que o texto cumpre a função de apresentá-la e de apresentar também o autor da mesma. Ao falar do autor, entretanto, o inscridor, por meio de suas escolhas lexicais (“o estilo inconfundível de Ruy Castro”), acaba por construir uma imagem do autor em questão.

Já na seção agradecimentos, deparamo-nos com outro regime enunciativo: o elocutivo. Nesse regime, percebemos que inscridor, escritor e pessoa são convergentes. O inscridor que enuncia retoma o escritor que possui uma trajetória e a pessoa que vive fora do mundo literário.

No fragmento “Carmen Carvalho Guimarães, a querida Carminha, filha de Cecília, confiou-me fabulosos álbuns de fotografias e nunca se recusou a dividir comigo sua memória privilegiada – a ela, particularmente, o meu amor” (CASTRO, 2005, p. 555), o inscridor conta seu acesso privilegiado aos álbuns da família de Carmen e o relacionamento afetivo com a fonte mencionado. A revelação do inscridor revela, pois, a relação e admiração entre fonte e escritor e também em relação à pessoa Ruy Castro.

Considerações finais

A fim de construir a imagem do autor, devemos considerar essas três instâncias. Elas serão ancoradas, em todo caso, com as imagens coletivas circulantes na sociedade a respeito do próprio autor, de sua obra e do campo literário. Essas representações serão variáveis conforme a época e a cultura na qual estiverem inseridas.

Em nosso caso, é possível dizer que a investigação discursiva da biografia de Carmen nos permitiu encontrar a construção da imagem de um autor dedicado e competente em relação ao trabalho. As marcas deixadas pelo inscridor-escritor-pessoa nos apresentam elementos capazes de justificar a inscrição dele no campo literário, dotado de uma carreira e de um estilo de escrita.

Sabemos que toda investigação sobre a questão do autor e da autoria não se restringe a uma posição e tão pouco pode ser apreendida em sua complexidade apenas por uma categoria descritiva. Nosso objetivo, contudo, foi demonstrar a abordagem discursiva, sobretudo a da Análise do Discurso como alternativa para análise da questão da autoria, confirmando assim a possibilidade de diálogo entre Estudos Linguísticos e Literários.

Referências

CASTRO, Ruy. *Carmen: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-297.

GALINARI, Melliandro Mendes. A autorialidade no discurso literário. In: MELLO, Renato de. *Análise do discurso & Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005. p. 45-62.

MACHADO, Ida Lúcia. Relações de força/poder entre “iluminados” e “loucos”. In: EMEDIATO, Wander *et al.* (Org.) *Análise do Discurso: Gênero, Comunicação e Sociedade*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/FALE/UFMG, 2006. p. 105-118.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor e sociedade*. 2. ed. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. O discurso literário contra a Literatura. In: MELLO, Renato de. (Org.). *Análise do Discurso e Literatura*. Tradução de Renato de Mello e Renata Aiala de Mello. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/FALE/UFMG, 2005. p. 17-29.

_____. *Discurso Literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Análise de textos de comunicação*. 5. ed. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*. Tradução de Adail Sobral *et al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MELLO, Renato de. Análise do Discurso & Literatura: uma interface real. In: _____. (Org.). *Análise do Discurso e Literatura*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/FALE/UFMG, 2005. p. 31-44.

MENDES, Emília. *Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2004. 267 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

_____. Estudos Linguísticos & Estudos Literários: Bem me queres, mal me queres? In: EMEDIATO, Wander *et al.* (Org.). *Análise do Discurso: gênero, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/FALE/UFMG, 2006. p. 53-64.

_____. Notas de aula tomadas no curso *Ficção/Literatura: interfaces discursivas*, ministrado pela professora Emília Mendes no Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, no primeiro semestre de 2007.

SATRAPI, Marjani. *Bordados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEARLE, John. *Expressão e significado*: estudo da teoria dos atos de fala. Tradução de Ana Cecília G. A. de Camargo, Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Recebido em 19/08/2013

Aceito em 20/10/2013